



Sessão Solene Comemorativa do 43º Aniversário do 25 de Abril

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhoras e Senhores Vereadores

Senhoras e Senhores Presidentes de Juntas e de Assembleias de Freguesia

Senhoras e Senhores Deputados Municipais

Senhoras e Senhores Representantes das Instituições do Concelho

Senhoras e Senhores Representantes do Movimento Associativo

Concelhio

Senhoras e Senhores Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Comemoramos hoje quarenta e três anos desde o dia 25 de Abril de 1974, o dia que marcará para sempre Portugal. O dia que permite estarmos aqui reunidos hoje a expressar as nossas opiniões, tão diferentes entre si, mas com um ponto que as une que é podermos expressar aquilo em que acreditamos, respeitando o outro e a sua opinião.

Celebremos todos aqueles que fizeram a Revolução, recorrendo ao poema de Sophia de Mello Breyner “Para os militantes do PS”, que, embora se destine a um partido político específico, retrata a luta de todos aqueles que participaram na Revolução e que devem ser dignamente lembrados, pois eles são

*“Todos os que lutam e lutaram
P’ra que não haja grades nem mordaza

Porque não estás só mas continuas
E os outros unem suas mãos às tuas
P’ra que um mundo mais justo e livre nasça.”*

Não posso deixar de referir que este é também o ano em que nos despedimos de um grande defensor da liberdade, Mário Soares. Alguém que lutou, juntamente com elementos de movimentos políticos de esquerda como Álvaro Cunhal, para que, em Portugal, dar a sua opinião não fosse um sinónimo de ir para a prisão, ser deportado ou mesmo ser morto. Independentemente da sua filiação política, ele foi um acérrimo defensor da liberdade. Foi preso e deportado por lutar pelos seus ideais.

Permitam-me recordar uma parte do seu discurso de 1986 que espelha a sua defesa por ideais que não devem deixar de ser lembrados para que se possa construir um futuro melhor, onde reine a tolerância e o respeito pelo outro.

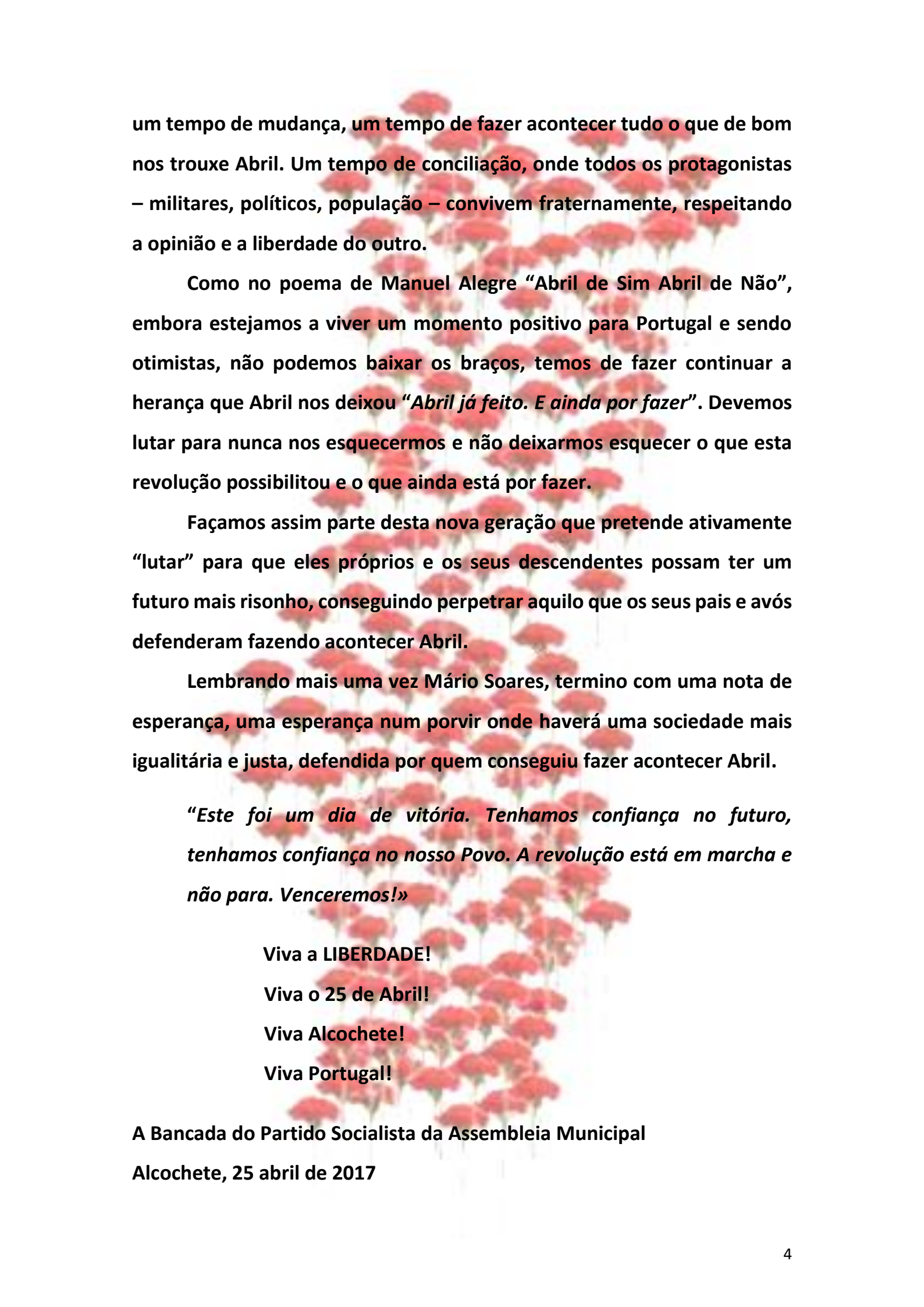
“Nasci num país ignorante e pobre. Vi a minha família e os meus amigos presos e deportados. Sofri com a tortura da PIDE. Vi fome nos campos e cidades. Vi trabalhadores do Alentejo e camponeses do Minho, pescadores e operários sem emprego, sem casa, sem escolas e sem médicos, sofrendo em silêncio, morrendo em silêncio. Vi o que se

fez em Portugal e também em África em nome de grandes princípios. Há coisas que não se esquecem. Vi depois, depois do 25 de Abril, alguns dos que haviam lutado contra a ditadura, abrir novas prisões. Uns e outros tinham principalmente uma cega falta de respeito pelo próximo. Uns e outros julgavam-se detentores da verdade exclusiva e predestinados a salvar os portugueses. Há uma certeza que sempre tive, a verdade não pertence em exclusivo a ninguém e não há nada que substitua a tolerância, este é um dos meus grandes princípios. (...) Lutei sempre para que os portugueses pudessem conviver em liberdade uns com os outros e para que todos se sentissem parte integrante de Portugal.”

Esta nova geração não viveu essa privação de liberdade exercida pelo regime fascista, mas viveu uma privação de liberdade de escolha preconizada por um governo de direita que, embora não tivesse retirado esse poder de decisão diretamente, pois quem já viveu numa ditadura muito dificilmente permitirá que a sua liberdade seja retirada mais uma vez, impediu as populações e sobretudo os mais jovens de poderem exercer o seu direito à liberdade e à felicidade.

Este período, tal como aconteceu com o tempo antes do 25 de Abril, onde o país parece ter parado no tempo em vez de avançar e de continuar o seu caminho para o desenvolvimento, permitiu, ultrapassado esse obstáculo, que as novas gerações valorizassem ainda mais aquilo que a revolução lhes deu, a liberdade, a possibilidade de fazer e escolher o seu tão almejado futuro e o direito de escolher aquilo que queriam para si.

Celebremos então também esta liberdade que a revolução nos deu e esta nova liberdade que um ano de governo de esquerda permite agora começar a alcançar. Vive-se agora um período de um crescente otimismo,



um tempo de mudança, um tempo de fazer acontecer tudo o que de bom nos trouxe Abril. Um tempo de conciliação, onde todos os protagonistas – militares, políticos, população – convivem fraternamente, respeitando a opinião e a liberdade do outro.

Como no poema de Manuel Alegre “Abril de Sim Abril de Não”, embora estejamos a viver um momento positivo para Portugal e sendo otimistas, não podemos baixar os braços, temos de fazer continuar a herança que Abril nos deixou *“Abril já feito. E ainda por fazer”*. Devemos lutar para nunca nos esquecermos e não deixarmos esquecer o que esta revolução possibilitou e o que ainda está por fazer.

Façamos assim parte desta nova geração que pretende ativamente “lutar” para que eles próprios e os seus descendentes possam ter um futuro mais risonho, conseguindo perpetrar aquilo que os seus pais e avós defenderam fazendo acontecer Abril.

Lembrando mais uma vez Mário Soares, termino com uma nota de esperança, uma esperança num porvir onde haverá uma sociedade mais igualitária e justa, defendida por quem conseguiu fazer acontecer Abril.

“Este foi um dia de vitória. Tenhamos confiança no futuro, tenhamos confiança no nosso Povo. A revolução está em marcha e não para. Venceremos!”

Viva a LIBERDADE!

Viva o 25 de Abril!

Viva Alcochete!

Viva Portugal!

A Bancada do Partido Socialista da Assembleia Municipal

Alcochete, 25 abril de 2017